

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL; QUE BICHO É ESSE?

José Eli da Veiga & Lia Zatz

Campinas: Editora Autores Associados, 2008

PREFÁCIO

O leitor certamente já deve ter visto alguma vez pela TV - é uma imagem bastante comum nos documentários sobre o reino animal - o chamado movimento de manada, quando milhares de espécies se deslocam rapidamente de forma irrefletida, desesperada e sem direção, em resposta a um alerta, um chamado, um sinal disparado por um membro do grupo que instintivamente pressentiu o perigo. Exemplo: a simples aproximação de leas famintas produz um efeito cascata sobre milhares de gnus, que iniciam uma correria alucinada pelas estepes africanas, confundindo os predadores. Em uma situação de emergência, essa explosão em favor da vida constitui a mais sofisticada manobra de que os seres irracionais poderiam dispor, considerando o nível evolutivo em que se encontram.

Apesar de todas as inúmeras qualidades que nos distinguem enquanto espécie, é curioso reconhecer que a humanidade também recorre - com mais frequência do que poderíamos imaginar - ao movimento de manada. Replicamos condicionamentos, gestos e palavras por mimetismo, sem nos preocuparmos com o sentido que eles guardam. Seguimos o fluxo, repetimos o padrão, acompanhamos os modismos e vamos

aos poucos nos perdendo no labirinto das grandes idéias massificantes que atrofiam a musculatura da alma e enferrujam os neurônios.

Desenvolvimento sustentável, que bicho é esse? resgata o cuidado que devemos ter no uso de certas palavras e expressões que possuem significados específicos e merecem ser reconhecidas no seu contexto histórico. Em particular a que aparece no título, “desenvolvimento sustentável”, talvez uma das mais usadas e incompreendidas expressões já concebidas pela humanidade. Se experimentamos uma crise ambiental sem precedentes, e nos convencemos de que é preciso realizar mudanças estruturais importantes para nos livrarmos efetivamente do risco de desaparecermos enquanto espécie num planeta castigado por ações desencadeadas por nós mesmos, “desenvolvimento sustentável” passou a ser a bússola, o norte magnético, a utopia que empresta sentido à palavra “esperança”. Convém, portanto, usá-la com propriedade, pois há muita coisa em jogo.

O *marketing* ambiental associado a interesses inescrupulosos de quem se locupleta do já citado “movimento de manada” para lançar projetos equivocadamente rotulados de sustentáveis - no embalo do enorme prestígio que os assuntos ecológicos passaram a ter - tem seu raio de ação drasticamente reduzido onde se dissemina o conhecimento. E não há outra forma mais inteligente de se disseminar o conhecimento do que a comunicação clara e objetiva. Uma das grandes virtudes deste livro é justamente a clareza com que os assuntos são

abordados, especialmente para o público jovem, um segmento que precisa ser alvo de maior atenção no mercado editorial quando o assunto é sustentabilidade. Nesse sentido, a parceria do professor José Eli da Veiga - que há muitos anos vem pensando, escrevendo e lecionando com extrema competência sobre os assuntos do livro - e Lia Zatz - nome já consagrado na literatura infantil e infanto-juvenil - revelou-se inspiradora, com ótimos resultados.

Professores desinteressados ou incompetentes causam, muitas vezes, uma justificável aversão dos alunos pela ciência. Aversão que, não raro, prossegue para o resto da vida. Considerando a importância da ciência para a produção de diagnósticos confiáveis e a solução de problemas que dizem respeito à nossa vida na Terra, qualquer falha no processo de iniciação científica de um estudante pode ser considerado um desastre de grandes proporções.

Desenvolvimento sustentável, que bicho é esse? aborda algumas das grandes questões da ciência na atualidade sem palavras difíceis, jargões, ou aquele tom rançoso de alguns livros didáticos que se esmeram em apresentar um problema para em seguida revelar gloriosamente a solução. No mundo da ciência, buscam-se evidências e, enquanto não se consegue uma resposta definitiva (será que existem respostas definitivas na ciência?), formulam-se hipóteses. Assim, os autores nos apresentam algumas dessas hipóteses segundo a visão dos “otimistas” e dos “pessimistas”. Fica simpático, palatável, e por último, mas não menos importante, sem proselitismo.

O livro informa ainda os critérios que devem nortear qualquer pretensão de usarmos a ciência como avalista de determinada hipótese (e aqui o livro é de uma honestidade constrangedora quando compartilha com o leitor algumas das dúvidas que ainda permeiam o universo científico), não descuidando, entretanto, do senso de urgência que deve inspirar nossas ações daqui para frente, ou seja, se não há consenso científico sobre alguns temas importantes de hoje, isso não invalida a percepção clara de que a humanidade precisa corrigir o rumo, reduzir impactos, ser efetivamente sustentável, e tudo isso rapidamente.

É bem-vinda a obra, por sua atualidade e clareza. Que desperte na juventude o desejo de investigar, descobrir e realizar as ações que se fazem necessárias e urgentes.

André Trigueiro